
CARTA AO CORPO MÁQUINA

Por Felipe de Menezes¹

Querido amigo,

questionou-me, sorrindo, sobre o que havia acontecido minutos atrás. Pois bem, conto-lhe em detalhes. Perdoe-me os hiatos que se seguirão – deles só pode saber quem foi cúmplice do que vou narrar-lhe.

Já era noite quando ouvimos, todes, um agudo ruído vindo da sala ao lado. Nada fazia tanto sentido para aquele grupo de curiosos, sedentos de porvir. Entre um som e outro havia um imperativo vindo da sala escura ao lado. A ponte possível entre o desconhecido e o que achamos conhecer é... a coragem. Dito isso, caminhamos em direção àquilo que, aos nossos ouvidos, já era ruído-presença. Sentamos, afinamos nossas colunas, trocamos poucas palavras uns com os outros, das quais nenhuma conseguia se fixar na atenção – dado o que nossa visão, agora, passava a testemunhar. Nossas corpas parecem funcionar de uma maneira compensatória, não é? – disse eu à moça de cabelos encaracolados que sentara ao meu lado. Ela sorriu e me perguntou o porquê. Eu disse que nossas corpas respondem aos estímulos com os sentidos, que são acionados mais ou menos a depender do que estamos vendo, tocando, ouvindo. Antes era o som que acionava nossa audição à atenção, agora os olhos foram convocados em maior intensidade. Olhos que, de testemunhas, passarão à condição de coautores, dentro de alguns instantes. Continuando: o som invadiu nossas corpas e nossos olhos passaram a ad-mirar o gesto com o qual os cirurgiões

¹ *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

preparavam a maca cirúrgica (ou seria câmara-ardente?): com a mesma delicadeza que uma gota d'água toca e escolhe escorrer pela folha verde de uma planta noturna qualquer. Eu não disse templo, mas pensei que o lugar poderia ser um também, afinal, todo templo é sacro-profano.

Laroyê, Exu!

Amigo, havia no espaço-mundo uma simetria em construção. A tal construção anunciava o que se seguiria: um corpo branco feito de pele-neve adentra o espaço-mundo gélido do Vale. Ali, se instala e toma posse de seus atos cirúrgicos. A equipe monitora todo o transe e, como em um sexo bom, as corpas começam a se relacionar nesse tempo-mundo, nutrindo-se mutuamente feito aquela *máquina do tempo trap*.

Quais conexões são essas eletrocutadas com suor, sangue e lágrimas que te nutrem? Já não sabemos se é a máquina que(m) envia a seiva bruta aos cirurgiões ou o contrário. A sala começou a ser atravessada por transmissões vindas, surgidas (e mandadas!), de diversos outros mundos-possíveis. As vozes eram muitas, assim como eram muitas, também, as belezas produzidas por aquele ato cirúrgico (ou sexual) que estava acontecendo naquele instante. Não deve haver contingenciamento aos nossos desejos de ser e estar em tran-si-ção. Lembra-se daquela importante bióloga que disse, certa vez, que todo som do mundo é produzido pelas mitocôndrias? Você consegue imaginar esse engenho-humano produzindo sons? E se pudéssemos ouvir os sons de dentro? Eles seriam graves ou agudos, desafinados ou sustentados? Gostaria que você pudesse ouvir minha pele também, meu caro amigo.

à tua imanência:

fez fluir um líquido espesso
que vertia em teu corpomídia
fosse máquina seria quente
engenho e agência do pós-humano
tua respiração fez em mim pausas longas
tua respiração em mim fez pausas longas



Naquela noite coisas começaram a acontecer e ainda acontecem – pode ter certeza. Sua potência-presença transmutada nos fez despertar de um sonho demorado. Eu sei que você não gosta de texto - ao menos não esse convencional -, Vinicius. Contudo, eu precisei fazer uso dele. Você sabe que nem tudo será oportuno dizer, mas o que é dito na medida será sempre a coisa mais importante. Obrigado pelo abraço dado (que ainda vou receber) e pelas palavras-sons ejetadas de tuas entranhas musculares. Você nos fermentou com tua performance, Francês. Ver o mundo pelos seus olhos, Elissa, é um lindo presente de inverno. Arão, suas micro-coisas têm o seu tamanho (e o tamanho do seu coração).

Sáímos do transa com a luz branca de serviço indicando o raiar.

Amigos, um dia, quando puderem, gostaria que trilhassem essa minha carta e me devolvessem em forma de um som impossível.

Vemo-nos em um lugar possível, em outro giro. Até breve!

